

Imagens (e) narrativas do corpo-território-lgbt+ na docência da educação básica: *(re)existências, representações e representatividades*

Janivaldo Pacheco Cordeiro
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Resumo: O horizonte normativo ao qual os nossos olhares estão direcionados reafirmam a cis heterossexualidade como algo natural a ser seguido, defendido e perpetuado, excluindo, de diversas formas, outros modos de viver o gênero e a sexualidade bem como os seus meios de legitimá-los. Nesse bojo, a escola é um dos ambientes em que as dissidências são invisibilizadas e o horizonte normativo reafirmado. Ancorado nos estudos de gênero e sexualidade (Bento 2017, 2021; Louro 2014, 2018; Butler 2017, 2018, 2019 e Foucault 2013, 2019) nas narrativas de (re)existência (Rios, 2021) e corpo-território (Miranda 2014, 2020) discutimos os movimentos de representatividade e (re)conhecimento provocados e produzidos pela representação de professores/as LGBTQIA+ na Educação Básica e que, de alguma forma, (des)configuram imagens e apresentam outras narrativas do corpo LGBT+ para os/as estudantes.. Trata-se de uma Pesquisa Narrativa, envolvendo sete professores/as transviados/as do estado da Bahia/Brasil, cujos resultados apontam que os/as docentes LGBT+ constroem suas identidades escolares atravessadas por sentimentos de medo, angústias e recuos, mas também que suas corporalidades (re)existem e funcionam como amparo para aqueles/as que se reconhecem nelas e habitam o corpo-território-LGBT+ na docência.

Palavras-chave: Corpo-território-LGBT+. Professores/as Transviados/as. Reconhecimento, Representação e Representatividade LGBTQIA+

Introdução

A prática de histórias de vida em formação fundamenta-se sobre a ideia de apropriação que o indivíduo faz de sua própria história ao realizar a narrativa de sua vida (Delory-Momberger, 2006, p. 361).

Por meio dessa epígrafe, começamos a conjecturar acerca dos atravessamentos e as apropriações das identidades que o corpo-território LGBT+ pode construir no decorrer do seu processo de vida-formação-profissão, as quais remetem ao reconhecimento, às representações e aos efeitos da representatividade aos corpos-transviados na docência na Educação Básica.

Não se trata de buscar uma identidade essencialista do corpo-território-LGBT+ na docência, nem criar qualquer juízo de valor acerca de suas experiências, mas interpretar e

compreendê-las como resultado do processo que constitui os/as sujeitos/as de diversas formas e as imagens narrativas que são construídas nesse processo, nunca ilesos/as às normas impostas pelo sistema. Nesse contexto, é óbvio que nem todo corpo de representação constitui-se como corpo de representatividade e, na mesma lógica, nem mesmo o próprio (re)conhecimento do corpo-transviado na docência pode desembocar em acolhimento ou no compartilhamento de experiências. Contudo, o fato de contarem as suas histórias, pode ser um indicativo de pausa para refletir sobre si mesmos/as, suas práticas e o corpo-território do/a outro/a.

Esse texto é um recorte da pesquisa doutoral *Corpo-território-LGBT+: imagens e narrativas de professores/as transviados/as na Educação Básica* e tem como objetivo refletir acerca das imagens e narrativas de docentes LGBTQIA+ produtoras de (re)existências, representações e representatividades nas instituições escolares que despontam em possibilidades outras para a apropriação e ressignificação dessas identidades.

Antes de darmos continuidade ao que propomos explicar é preciso esclarecer que nos apoiamos em Miranda (2020, p. 25) ao defender o corpo-território como “[...] um texto vivo, um texto-corpo que narra as histórias e as experiências que o atravessa” e buscamos em Bento (2017, p. 249) a ideia do corpo-transviado, cuja tentativa é a de ressignificar o termo *queer* para o nosso contexto: “ser um transviado no Brasil pode ser ‘uma bicha louca’, ‘um viado’, ‘um travesti’, ‘um traveco’, ‘um sapatão’”. E desse ponto, forjamos a ideia de corpo-território-LGBT+ como aquele que narra sua própria história corporificada pelas imagens e narrativas dos silêncios, das rasuras, dos apagamentos, mas também das (re)existências e dos atravessamentos ‘próprios’ que constituem as identidades de seus corpos-transviados.

De natureza qualitativa, o trabalho foi desenvolvido com base nas histórias de vida-formação-profissão de professores/as lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, mergulhado na ‘corporização de suas histórias vividas’ (Clandinin & Connelly, 2015) na docência e fora dela, observando os movimentos acerca da apropriação e reflexão que o/a sujeito/a faz de sua própria história. Por meio da Pesquisa Narrativa, a investigação apoiou-se nas imagens e “narrativas de (re)existência” (Rios, 2021) que surgiram nas Entrevistas Narrativas e no movimento interior de olhar para a própria imagem, práticas e identidade pessoal vinculada à identidade docente com a escrita de Autorretratos, entrecruzando suas

histórias e analisando-as por meio da interpretação-compreensão proposta por Ricoeur (2019). A pesquisa contou com a participação de sete colaboradores/as autodeclarados LGBTQ+: Babafemi, Beta Queer, Eric (professores gays), Billy Kaplan (professor bi/pansexual) Cláudia (professora trans), Janaína e Frida (professoras lésbicas), docentes da Educação Básica da Bahia que, por meio de suas imagens e narrativas de (re)existência, externalizaram os atravessamentos da/na (trans)formação da identidade docente impulsionada pelo olhar cisheteronormativo. Nesse artigo, trouxemos as narrativas de cinco participantes.

Rios (2021) entende que as narrativas de (re)existência desvelam aspectos de invisibilidades da/na prática docente, aponta os não-lugares, os não-ditos e (re)posicionam os/as sujeitos/as da/na escola.

É a partir dos modos de viver, posicionar-se e interpelar as narrativas institucionais que as narrativas de (re)existências se instauram. Estas narrativas são forjadas no cotidiano da profissão a partir das zonas de invisibilidade que atravessam o trabalho docente. As narrativas docentes interpelaram as narrativas institucionais em relação ao *não-lugar* dos/as professores/as nas discussões e decisões sobre a reconfiguração da escola. As rupturas foram construídas em movimentos de aprendizagens contínuas, inscritas nos corpos que territorializam a profissão (Rios, 2021, p. 22, grifos da autora).

Dessa forma, é pensando nas brechas, nas rasuras, e nas invisibilidades que apostamos nas narrativas de (re)existência como forma de contextualizar as representações e as representatividades de docentes LGBTQIA+ na escola e como as suas imagens provocam o (re)conhecimento de outros corpos-transviados.

Imagens, narrativas e (re)existências

Ser uma pessoa LGBTQ+ é estar imersa em cenários em que a própria vida é negada e referenciada distante do corpo daquele/a considerado/a 'normal' pela legitimidade de certas experiências e da naturalidade delas ou pela clandestinidade daquelas que não ganham o *status* nem de experiência, menos ainda de quem a pratica como sujeito/a da experiência. Nesse processo, fica praticamente evidente que constituir-se pela imagem do/a outro/a como a representação do/a 'normal' e não se reconhecer nesse modelo interrompe a apropriação e legitimidade de outras imagens e narrativas de vida, bem como outras experiências tenham visibilidades, ou outras representações sejam possíveis.

Essa prática aterrorizante de invisibilização percorre desde a infância à fase adulta, visto que os processos de constituição do ser e ‘de ser’ passam por uma vigilância panóptica das identidades pessoais e profissionais, e a adequação entre ambas, em que a sexualidade transviada e o gênero dissidente são perseguidos/as por uma ordem que procura homogeneizar a todos/as ou que, em qualquer situação, permaneçam dentro da dita normalidade. Trata-se de uma ordem que

[...] prescreve cada um no seu lugar, a cada um no seu corpo, a cada um sua doença e sua morte, a cada um seu bem, por meio de um poder onipresente e onisciente que subdivide ele mesmo de maneira regular e ininterrupta até a determinação final do indivíduo, do que o caracteriza, do que lhe pertence, o do que lhe acontece (Foucault, 2013, p. 188).

No normal da paisagem, na determinação final do/a indivíduo/a, espera-se que o gênero preceda a existência do corpo sexuado, e a inteligibilidade passa a ser compreendida se ela completa a paisagem. Fora desse entendimento de constituição, a imagem é embaçada, desfocada, ilegítimada, suas narrativas completam o imaginário do ‘vir a ser’, da incompletude, do/a sujeito/a irrepresentável. Não há outro cenário pensado de imagem ou narrativa, representação ou representatividade fora dos contextos de normalidade.

Nessa penumbra, Cláudia (professora trans) expôs da sua existência os meios e os medos que encontrou para (re)existir na escola. Desse modo, colocou-se nesse ponto em que a norma opera sua vida, reproduz dela as suas práticas discursivas, mantém distância do abjeto, e se posiciona nessa linha tênue, nesse ponto opaco que produz o movimento que a afasta da norma, mas trabalha segundo as suas regras. Suas imagens representativas, suas performances estavam lá, sendo impossíveis passarem despercebidas, pois *seu armário é de vidro!* Estava constantemente representada pela imagem narrativa de si mesma e pelas narrativas que reconfiguram a sua imagem, ainda que não se (re)posicionasse afirmativamente por sua identidade e não abrisse espaços para o diálogo com alunos/as que busquem nela os motivos de representatividade.

Não, nunca aconteceu! Eu não dava esse espaço! Entendeu? Eu não deixava com que ele tivesse esse espaço pra falar. Se tentasse, se falasse alguma coisa eu meio que esquivava. Entendeu? Mais devido à questão do medo. O que acontece? A gente percebe que as pessoas acham que o meio onde existe, tanto na escola, quanto na criação de um filho, a criança vai se tornar gay porque ela vai ver uma referência em você. Então, eu tinha isso já, meio que algo na minha cabeça como algo que não podia (Cláudia, professora trans heterossexual em Entrevista Narrativa, 2021).

Nessa lógica, ao expor suas feridas e medos, Cláudia revelou um dado preocupante decorrente da existência do seu próprio corpo-território, ou seja, ao contestar o sistema exibiu as brechas da heterossexualidade compulsória que condiciona os corpos e discrimina sua existência. Dessa maneira, movimenta-se introspectivamente para seu corpo-transviado como modelo representativo rejeitado pela sua dissidência e teme que suas palavras possam ser os motivos de (re)conhecimento. Nessa realidade, ela se aproximou daquelas identidades nas quais sua representação e representatividade foram reafirmadas, reconhecidas e acolhidas pela feminilidade circunscritas às suas experiências de amizades e convivências. Ademais, ao se *impor*, apropriou-se de sua própria história, de suas imagens e narrativas que constituem a sua identidade e se afastou daquelas outras que a rejeitaram como produtora de possibilidades ou pudesse ser considerada como aquela que ajudou a produzir o/a abjeto/a.

“Quando agimos e falamos, não só nos revelamos, mas também agimos sobre os esquemas de inteligibilidade que determinam quem será o ser que fala, sujeitando-os à ruptura ou à revisão, consolidando suas normas ou contestando sua hegemonia” (Butler, 2017, p. 167). Nesse ponto, retomamos que não apenas a representação funciona como um dispositivo que (re)posiciona a norma, provoca outros sentidos para as imagens e narrativas dos corpos-transviados, mas como também, juntas, representação e representatividade sejam impulsionadoras dessas discussões, precisam agir *sobre os esquemas de integibilidade*, provocar *as rupturas* que *revisam* os/as sujeitos/as e criar movimentos importantes dentro da escola (e fora dela) na formação de outros/as sujeitos/as.

Para Butler (2019, p. 18, grifos da autora), “os domínios da ‘representação’ política e linguística estabeleceram a priori o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito”. Nesse sentido, somente pode ser corpo de representação se o corpo estiver imerso na imagem produzida pelo regime *cis* heterossexista que forma sujeitos/as e os/as narram pelos únicos modos legitimados pelo dispositivo da sexualidade (Foucault, 2019). Tal dispositivo impede o reconhecimento, a representação e a representatividade do corpo-território-LGBT+, pois esses corpos escapam aos seus objetivos centrais de controle e governo. Uma das saídas, e talvez a mais recorrente, é a própria negação dos desejos e sentimentos dos/as sujeitos/as que buscam o *conforto* nos refúgios que uma suposta normalidade possa conceder, bem como na negação da imagem narrativa de si e à sombra da narrativa imagem da norma. No trecho a seguir,

podemos observar o sistema cis e o regulamento da sexualidade operando sobre os alunos e produzindo outros efeitos sobre suas corporalidades.

Venha cá, o que tá posto, tá posto. Além de viado, vocês dois acham que vão ser o que na vida? Porque vão ser esses viadinhos fechativos, vem pra escola não querem estudar?! Você [diz o nome do aluno] inteligente o outro também, muito inteligente! não querem estudar, querem bagunçar, querem ser vistos como que... Como a travesti de amanhã?" Ai tomaram aquele susto! Eles dois se entreolharam: 'ah, não! [...] Não é isso que a gente quer...' Mas hoje eu vejo que nessas comunidades onde a gente trabalha é, e na sociedade em si, o lugar do viado é muito predefinido pelo outro sabe? Tem que ser a pessoa vulgar e até, às vezes, para se defender acabam sendo uma pessoa vulgar, uma pessoa violenta. Acabam é... andando com travestis, se prostituindo cedo. Muitos..., pra se defender (Fulano/a de Tal, professor/a transviado/a, em Entrevista Narrativa, 2021).

A conversa ocorrida na sala da direção não deixou claro a intenção do/da docente ao fazer a comparação com a identidade travesti. Contudo, pareceu mostrar um preconceito que talvez não seja de sua visão particular, mas de algo geral que marginaliza essas identidades, impulsionadas pela discriminação que impossibilita a essas existências ocuparem as escolas, além de terem garantidas o recebimento e a permanência de/em uma educação digna que lhes assegurem a condição de sujeitas. Por outro lado, a representação docente e o reconhecimento junto aos seus alunos gays proporciona essa abertura de chamar a atenção de seus alunos de forma menos formal, talvez usando a linguagem que considera ser apropriada para ser entendida e, talvez, acometido por um sentimento de proteção a esses jovens por também considerar o estigma e as condições de vida produzidas pelo sistema, que vulnerabiliza e precariza as vivências de pessoas trans.

De certa forma, o poder desse discurso é preocupante, visto que caberia a essa pessoa, investida de sua autoridade docente, disseminar o debate que compreende e respeita as subjetividades outras e suas dissidências também como algo que dá abertura para outras possibilidades existenciais. No entanto, o diálogo pode também dar abertura para o estigma, a marginalização e a produção do abjeto. Nesse ponto, talvez a representação do/a professor/a que proferiu a comparação que destituía seus alunos da condição mínima de sujeito, a qual ao que parece não é dado às travestis – não se constitui em representatividade e, menos ainda, produz a (re)existência delas. Ainda é preciso considerar a violência simbólica implícita nesse discurso que opera em uma perspectiva ambígua: na intenção de talvez proteger, maltrata, agride, segrega, confronta e exclui a identidade travesti. “Fugir ao dispositivo, nesse bojo, é atrelar-se às imagens e narrativas que rondam o corpo transviado remetendo à condição de

anormalidade e, conseqüentemente ao caráter de subumanidade, o que parece, de alguma forma, criar condições de insultos a essas identidades” (Cordeiro & Rios, 2021, p. 3). Diante disso, por considerar tal narrativa bastante incômoda, optamos por não identificar quem produziu essa fala durante a realização das entrevistas narrativas, por não estarmos convictos de qual a intenção da comparação, bem como por receio de que algum/a dos/as colaboradores/as pudesse ser identificado/a e isso lhe causar desconfortos futuros.

Nesse contexto, o/a professor/a que compara, parece indiciar que identidade como a de Cláudia não pode se constituir também como sujeita de representatividade, não consegue, pois habita aquele lugar prescrito pelo sistema, do qual não lhe foi dado o direito nem a condição de cidadania. A linguagem articulada ao redor dela criou as imagens e as narrativas de uma identidade subversiva, a qual ameaça e põe em risco a *cis* heteronormatividade e, com efeito, sua representatividade acontece pela morte do corpo em vida, sem ou com poucas condições de reaver a própria narrativa. Louro (2014, p.106) explica que “as representações não apenas são múltiplas, mas elas podem, também se transformar ou se contrapor. O que é importante notar é que nelas sempre estão implicados jogos de poder, melhor dizendo, elas estão sempre estreitamente ligadas ao poder”. Assim, estão submetidos/as, assujeitados/as a essas normas, às quais não podem estar isentas, nem se decidirem sem ser afetados/as por elas, mesmo que escolham, encolham ou *obriguem* a morte de suas identidades estão visivelmente provocando os (re)conhecimentos. Para Butler (2017, p. 154), “[...] nossa capacidade de refletir sobre nós mesmos, de dizer a verdade sobre nós mesmos, é igualmente limitada por aquilo que o discurso, o regime, não pode conceder no âmbito do pronunciável. Diante disso, Cláudia embora concebesse suas narrativas no âmbito do impronunciável e mantém suas imagens nas zonas de invisibilidade externaliza aberturas para outras possibilidades. Bento (2021, p. 85-86, grifo da autora) sinaliza que “o ‘reconhecimento’, tanto na questão racial quanto na dimensão das homossexualidades e dos gêneros dissidentes, se dá por mecanismos de apagamento das diferenças e não pelo reconhecimento da diferença. Ou seja, acontece via assimilação”. Desse ponto, Babafemi acredita que sua representação de homem gay e negro provoca outros movimentos na escola.

Acho que... essa minha docência como homem gay e preto... a depender da forma que eu faço a minha interlocução com meus alunos. Da forma como eu... a minha postura diante desses alunos, acho que eu contribuo bastante para que se tornem jovens... adultos melhores (Babafemi, professor cis gay em Autorretrato, 2021).

No seu autorretrato, Babafemi (de)marcou suas diferenças e as mostrou como produtora de (re)conhecimento e representatividade. Apontou a representação do seu corpo-transviado como território de possibilidades, que dialogam com seus/suas alunos/as, (re)posiciona a diferença e cria plausíveis redes de apoio. Nesse modelo, Pinho (2004, p. 107, grifos do autor) sinaliza que “o corpo negro é um Outro para o *self* do negro, na medida em que se constitui como representação alienada de si”, logo, nesse reflexo e interlocução “[...] ele está sendo reinventado, substituído, suplementado, na medida em que reinscrevemos nele os signos da historicidade e revertemos o estigma e a corporalidade compulsória a ele atada” (Pinho, 2004, p. 107)

É, acho que o meu corpo tem uma importância. A minha identidade no processo de formação desses alunos foi importante porque, por exemplo eu sempre ... o último fato que ocorreu foi de um garoto que ele, inclusive, recebia chacota de outros coleguinhas e eu não deixava. Eu chamava os coleguinhas e conversava com eles no particular e falava “não faça isso porque não é legal. Se ele não é igual a você, você não é igual a ele” e conversava sobre essa questão de que as pessoas são diferentes, de que ninguém pode fazer isso um com o outro... (Babafemi, professor cis gay em Entrevista Narrativa, 2021).

Babafemi pontuou suas ações para além das imagens e narrativas que performatizam sua existência, pois precisou se distanciar de sua particularidade para ajudar e intervir diversas vezes para corrigir atos de discriminação e preconceito contra seus/suas alunos/as homossexuais. Assim, logrou êxito “[...] ao tornar visível para o corpo-território as suas singularidades, as quais podem criar redes de coexistências com as singularidades das outras corporeidades existentes nos espaços educativos” (Miranda, 2020, p. 101). Nesse sentido, seu corpo-território é perspectivado como um porto seguro para as outras *dissidências* que se reconhecem nele, sendo acionado vez ou outra por conta da sexualidade representada também em sua autoridade docente.

De outro modo, podemos inferir que o (re)conhecimento de alunos/as às performatividades dos corpos-transviados na docência é motivador para encontrar abrigo em quem lhes é semelhante *via assimilação dos seus apagamentos* como corpo-território, bem como alguma busca de proteção àqueles/as que possam ser representatividade. Embora o/a professor/a possa ser um/a aliado/a com quem o/a aluno/a possa compartilhar suas dúvidas e defesas, observamos que as conversas, quando ocorrem, ainda permanecem na clandestinidade, fadadas ao mutismo como espera a norma.

Assim, reciprocamente, Babafemi via essas e tantas outras experiências se repetirem como um ciclo ininterrupto produtor de *bullying* e de homofobia, porque entende esses atravessamentos como constituintes de sua própria pele, ou pelas *trocas de pele* que foi obrigado a fazer. Diante disso, (re)posicionou-se por meio da (re)apropriação de sua história de vida, replicada nas imagens e narrativas de outra vida, como uma reencarnação “[...] de um poder que não só se furta a se exercer diretamente sobre os corpos, mas se exala e se reforça por suas manifestações físicas” (Foucault, 2013, p. 56), pelas corporalidades *dissidentes* e performances *inadequadas* dos corpos sexuados e que requerem o controle do *cistema*, entretanto, também a (re)existência revelada por meio dele. Beta Queer nos conta como foi difícil aprender lutar sozinho com a sua identidade sexual e se angustia ao saber que a sua história pode se repetir em outros corpos-transviados.

Acho que meu medo maior de perguntarem em relação a mim era perceber que aquilo que aconteceu comigo na infância acontecesse com outro aluno. Porque eu sempre ficava, eu não vou saber o que fazer, não vou saber o que fazer porque quando eu estive nesse lugar foi muito doloroso pra mim. E aí eu nunca tive um professor ou professora pra dizer... pra falar sobre ... me ajudar, ou me abraçar nesse momento. Era sempre eu, me, myself, mine. Era eu, eu, eu e eu mesmo. E eu sempre ficava muito... desejando, procurando alguém pra me ajudar nessa coisa que acontecia na escola e que teoricamente era o professor é... quem tá lá e deveria intervir nessas situações, mas nunca houve essa intervenção. Eu sempre pensava se acontecer comigo eu preciso intervir, mas eu não sei como e se eu consigo intervir. Porque se acontecer eu vou lembrar muitas coisas que foram dolorosas pra mim e que de alguma forma eu não soube é... lidar totalmente ainda 100% ainda (Beta Queer, professor cis gay em Entrevista Narrativa, 2021).

Do lugar onde habita Beta Queer, o medo de que sua sexualidade fosse questionada por seus/suas alunos/as viria acompanhado do temor de reviver *coisas que foram muito dolorosas* para ele durante seu período de estudante e, por conta disso, previa que poderia não saber agir diante do ciclo ininterrupto de violência que surge *naturalmente* contra os corpos-transviados. Como de costume, Beta Queer lutou sozinho, sem apoio, sem defesa das agressões sofridas ocasionadas pelos atravessamentos advindos não apenas da sexualidade transviada, mas das performances que o posicionam em um lugar outro da masculinidade, produzindo traumas que reviveram feridas e (de)marcaram a condição de abjeto do próprio corpo-território. “Paradoxalmente, esses sujeitos ‘marginalizados’ continuam necessários, pois servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam” (Louro, 2018, p. 61, grifos da autora). Embora não tenha mencionado, é possível que, para além de não encontrar intercessão e acolhimento entre

os/as profesores/as, o sistema o tenha ignorado ou vinculado a ele a culpabilidade de não ser ‘um sujeito normal’, pela necessidade de demarcar e enaltecer os contornos daqueles/as que realmente importam. (Re)posicionando sua história, Beta Queer, ciente de sua representação e representatividade, se atenta para os movimentos que entrecruzam as suas aulas.

Hoje, sou eu quem faz a chamada na sala de aula. E me atento. Me atento às ervas daninhas, mesmo que as minhas ainda existam em quantidade controlada. Mas eu me atento. Me atento às cruces esperando pelas próximas vítimas, me atento às intercessões, me atento ao caminhar entre os corredores, me atento aos gritos silenciosos (Beta Queer, professor cis gay em Autorretrato, 2021).

No seu autorretrato, descortinou as imagens e narrativas que produziram o seu corpo-território e junto com ele as angústias, os conflitos, atravessamentos, mas também o olhar atento ao/a outro/a que se forma a partir da vida constituída na abjeção e negação. Nesse contexto, é constituído “[...] mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos” (Butler, 2018, p. 17) e como a própria autora defende, são capazes de estabelecer ou desestabelecer o/a outro/a como sujeito reconhecível. Assim, trocam-se *os termos*, desloca-os, e Beta Queer é reposicionado - sua vida inteira - em busca de entender os significados que estariam intrínsecos às classificações atribuídas a ele. Desse modo, carrega consigo essas imagens e narrativas que o diferem e, talvez por isso, percebe no/na outro/a o pedido de socorro não ouvido na época em que era atacado, colocando-se, nesses contextos, no lugar desse/a outro/a também da diferença e se atentando aos possíveis atos de LGBTfobia que podem surgir durante suas aulas, ressignificando sua identidade pessoal docente e suas práticas em sala de aula. Nesse sentido, o movimento de (re)posicionar o seu corpo-território provoca outros movimentos de representação e representatividade e, com isso,

[...] propicia ao indivíduo entender o que está ao seu redor a partir do seu próprio corpo, de si mesmo, sua posse sobre o seu corpo, assim como uma territorialidade em constante movimento que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias (Miranda, 2014, p. 69-70).

Com efeito, (re)existir não é uma opção para os corpos-transviados, é uma necessidade. Poder ou conseguir falar a respeito desses atravessamentos que acometem o corpo-território-LGBT+ significa dizer que esse corpo cria ressignificações sobre si, entendeu o que está ao seu redor, tomou posse do próprio corpo, demarca sua territorialidade e, entre outras coisas, indica a abertura de caminhos. Desse modo, ao retornarem aos espaços em que

suas existências eram rechaçadas como alunos/as, (re)posicionam suas corporalidades. “Essa partilha entre os corpos-territórios é de extrema relevância ao passo que, ao permitir a alteridade, acentua-se a necessidade de trazer para a evidência as diversas experiências corporais, o campo das possibilidades indetermináveis” (Miranda, 2020, p. 73), as quais, ao circularem pela escola, *naturalizam* as diversas expressões do gênero e da sexualidade. Billy Kaplan também compreende dessa forma e partilha sua identidade sexual com seus/suas alunos/as o que, segundo ele, possibilitou aproximações e amizades, principalmente de estudantes LGBTQIA+.

Desde o momento que eu entrei no colégio e assim... não foi uma questão esconder isso... aqui em Salvador; não! Eu sou de Minas Gerais, não sou baiano. Lá na minha cidade natal já é outra história. [...] Então, desde o momento que eu entrei na escola, nunca passou pela minha cabeça não falar sobre a minha identidade (Billy Kaplan, professor bi/pansexual em Entrevista Narrativa, 2021).

A representação do corpo-transviado de Billy vai além da sua identificação como homem bissexual, visto que também por meio de sua estética demonstra sua inconformidade na imposição dos estereótipos do gênero e da mesmice nas imagens narrativas dos corpos. O (re)conhecimento e aproximação de seus/suas alunos/as ao seu corpo-território acontecem não apenas pelas aberturas e temas como gênero e sexualidade trazidos em suas aulas, nem pela representatividade de suas práticas discursivas que *normalizam* a diferença, mas também pelo desprendimento apresentado visualmente em sua estética corporal por suas tatuagens mais visíveis e pelas unhas pintadas em tons fortes (quando concedeu a Entrevista Narrativa). “Segue-se que só podemos reconhecer e ser reconhecidos sob a condição de sermos desorientados por algo que não somos, sob a condição de experimentarmos uma descentralização e ‘fracassar’ na tentativa de alcançar nossa identidade pessoal (Butler, 2017, p. 60). O reconhecimento de nossas identidades requer que outros modelos além dos hegemônicos sejam visibilizados, naturalizados, ‘normalizados’, estranhados, para que esses estranhamentos, visibilidades e desorientações criem os entendimentos acerca das diferenças. Nesse contexto, os estranhamentos derivados do corpo-território de Billy são provocadores da norma e geram aproximações e afastamentos. Assim, seu próprio corpo-transviado representa a inconformidade e desestabiliza o sistema. Por ser professor da área de humanas, temas que visibilizam a diferença e questionam os regimes de verdade são recorrentes em suas aulas. O diálogo abaixo ocorreu - após uma aula sobre depressão e ansiedade - com uma aluna que o

procurou pedindo informações sobre os efeitos da medicação. Após suas orientações de procurar seu médico, a estudante completou:

‘é que também tem a questão da sexualidade, mas eu também não entendi isso bem na minha cabeça, então, primeiro eu quero refletir, porque eu nem sei direito o que falar, mas aí quando eu souber direito, eu quero falar com o senhor, pode ser?’ Eu disse ‘claro, claro, pode vir!’ E aí, ela quer entender também o local que ela se encaixa e tal. E isso já aconteceu assim... se eu fosse contar... pelo menos umas 15, 20 vezes desde que eu entrei no colégio, com alunos diferentes, de irem me procurar para tentar se entender... ‘sou gay, sou bi, sou lésbica, tá certo eu ser assim? Tá errado eu ser assim?’ [...] eu dou meu WhatsApp, eu recebo mensagens à noite... de madrugada... eu recebo mensagem no final de semana. E, às vezes, são coisas muito pesadas: ‘Professor, eu tô perdendo a vontade de existir! Eu não tô vendo mais sentido na vida! Eu tô pensando em me matar!’ ‘Eu tô pensando em fugir de casa!’ é... ‘o meu namorado foi agressivo comigo!’ ‘Eu sofri isso, eu sofri aquilo!’ Então, eu recebo isso diariamente e isso vai pesando demais no meu corpo e eu tive que levar isso para a terapia porque eu não tava aguentando mais viver com isso. E, ao mesmo tempo, eu não conseguiria fechar a porta para eles e falar ‘não... agora a gente não vai ter mais essa amizade!’ Eu não consigo (Billy Kaplan, professor bi/pansexual em Entrevista Narrativa, 2021).

A representatividade de Billy reverbera em movimentos que auxiliam os/as seus/suas alunos/as nos conflitos da identidade. Sua presença, disponibilizada também por meio de meios eletrônicos, funcionam como porto seguro para que dúvidas possam ser acolhidas e conflitos possam ser minimizados com base em suas experiências docentes e também de seu corpo-transviado. Suas imagens e narrativas na escola (e fora dela) estão expostas e dispostas a encontrar as imagens e narrativas dos outros/as, ficando vulneráveis às desterritorializações de suas capacidades conclusivas e promovem a humanização do/a outro/a (Miranda, 2020).

[...] o diálogo faz parte do encontro dos corpos e estes potencializam os atravessamentos das experiências, o encontro com a bagagem existencial do outro e ao mesmo tempo reforça que somos seres da incompletude cultural, portanto, dotados de lacunas que podem ser preenchidas a partir da história de vida dos sujeitos que cotidianamente cruzam as nossas trajetórias (Miranda, 2020, p. 110).

Ao cruzarem com Billy, sua representação e representatividade criam os (re)conhecimentos que se expandem também pelos corredores, pela sala de professores/as, pátio e outros espaços e tempos, e podem eventualmente preencher algumas lacunas das histórias de vidas e experiências que florescem no ‘chão da escola’. Os/As seus/suas alunos/as dissidentes se (re)conhecem naquele corpo-transviado como um corpo-território que representa possibilidades, pertencimentos e (re)existências. Billy carrega em si a bagagem existencial do/a outro/a a ponto de sentir o seu peso, o qual provoca nele outros conflitos. Sua representação e representatividade, nesse aspecto, são diferenciais para apontar outros

caminhos para os corpos-transviados. O seu relato revela que os conflitos vivenciados por ele quando adolescente se repetem nos corpos-transviados de seus/suas alunos, e reforça a necessidade de inserir as temáticas de gênero e sexualidade nos currículos e nas práticas pedagógicas, bem como a desnaturalização e a desnormalização das identidades, ou, em outro movimento, a naturalização e normalização das identidades dissidentes.

[...] toda minha constituição social e pessoal permeia cada relação educacional estabelecida no espaço escolar. Ali sou professor, sou ouvinte, sou rebelde, sou motivador, sou tensionador, sou confiante, sou exemplo, sou disruptivo, sou amparo. E aqueles que estão ali são minhas fontes de esperança e aprendizado (Billy Kaplan, professor bi/pansexual em Autorretrato, 2021).

No corpo-transviado-território de Billy, o (re)conhecimento, as representações e as representatividades estão inseridas contra o sistema, desenhadas em suas tatuagens ‘*cada vez mais visíveis*’ consoante mencionou em sua entrevista, demonstrando sua inconformidade com a norma e com o que está prescrito para as suas corporalidades. Billy propositalmente (re)posiciona-se contra o modelo no qual a *cis* heterossexualidade se fixa como o horizonte normativo instituído como exemplo de vida, naturalizado cultural e biologicamente pela reprodução e reprodução de atos, comportamentos e performances dos corpos sexados. Nesse entendimento de si mesmo, coloca-se disposto a entender, a ouvir, a motivar, a amparar o/a outro/a, nem que para isso seja necessário subverter as normas, virá-las pelo avesso.

(In)conclusões transviadas e transitórias

De acordo com os resultados, os/as professores/as transviados/as são assujeitados/as ao sistema *cis* heteronormativo que os/as vigiam, silenciam e invisibilizam as suas existências, forjando neles/nelas identidades voltadas à (auto)vigilância, ao (auto)silenciamento e à (auto)invisibilização como forma de sobrevivência no espaço escolar, mas também mostram indícios de que suas representações e representatividades são de extrema importância no combate ao preconceito, à discriminação e à visibilidade LGBTQIA+ . Desse modo, professores/as transviados/as encontram-se atravessados/as pela *cis* heteronormatividade que os/as (re)posicionam de forma que estes/as forjam suas identidades pessoais e docentes em suas imagens e narrativas construídas cotidianamente. De outro modo, fica evidente que a existência de docentes LGBT+ criam os movimentos de (re)existências e representatividade

dessas identidades reconfigurando as imagens das escolas e produzindo outros horizontes normativos.

Referências

- Bento, B. (2021). *Brasil, ano zero: estado, gênero, violência*. Salvador, Brasil: EDUFBA.
- Bento, B. (2017). *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador, Brasil: Edufba.
- Butler, J. (2017). *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Trad.: Rogério Bettoni. Belo Horizonte, Brasil: Autêntica Editora.
- Butler, J. (2018). *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. 5ª ed. - Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2019). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad.: Renato Aguiar. 17ª ed. Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira.
- Clandinin, D. J., & Connelly, F. M. (2015). *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Trad.: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU –Uberlândia, Brasil: Edufu.
- Cordeiro, J. P., & Rios, Jane A. V. P. (2021) Corpos-territórios lgbt+ na docência da educação básica da bahia: imagens, narrativas e (re)existências. *Anais V Desfazendo Gênero...* Campina Grande, Brasil: Realize Editora. Recuperado de: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79230> Acesso em: 31 out. 2023.
- Delory-Momberger, Christine. Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projeto. Trad. Maria Carolina Nogueira Dias e Helena C. Chamliam. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, pp. 359-371, maio/agosto 2006. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GxgXTXCCBkYzdHzbMrbbkpM/abstract/?lang=pt> Acesso em: 15 maio 2021.
- Foucault, M. (2019). *Microfísica do Poder*. São Paulo, Brasil: Paz e Terra.
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 41ª ed. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Louro, G. L. (2014). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Louro, G. L. *Um corpo estranho*. Belo Horizonte, Brasil: Autêntica Editora, 2018.
- Miranda, E. O. "O negro do Pomba quando sai da Rua Nova, ele traz na cinta uma cobra coral": os desenhos dos corpos-territórios evidenciados pelo Afoxé Pomba de Malê. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenho Cultura e Interatividade) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Recuperado de: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/97> Acesso em: 12 set. 2020.
- Miranda, E. O. *Corpo-território e educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*. – Salvador, Brasil: EDUFBA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32375> Acesso em: 12 mar. 2021.
- PINHO, O. A. O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. *Cad. Pagu* n. 23, 2004. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000200004> Acesso em: 2 nov. 2022
- RICOEUR, P. *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Edições 70: Lisboa – Portugal, 2019.
- RIOS, J. A. V. P. Narrativas de experiências pedagógicas: territórios de (re)existências na formação docente. *Rutas de formación: prácticas y experiencias*, n. 11, pp. 15-24. 2020. Recuperado de: <https://doi.org/10.23850/24631388.n11.2020.3809> Acesso em: 5 maio 2021.